

## 12. Missão Alfa

TERÇA-FEIRA, dia 12, dez horas da manhã. Quase todo grupo realizando treinamentos físicos. Alguns na piscina participando da atividade de natação utilitária, devidamente trajados com uniforme rural completo (calça, camiseta, gandola<sup>41</sup> e bote<sup>42</sup>). Outros na academia de musculação, realizando trabalho de fortalecimento muscular. Uns poucos corriam, melhorando a capacidade cardiorrespiratória, tão exigida nas operações.

Movimentação no quadro de avisos. Um cartaz noticia sobre a reunião marcada para as onze horas, com todas as equipes. O plantonista no telefone localizando e convocando os integrantes que porventura estivessem resolvendo algum problema particular. O sistema de som também anunciava. Todos sabem: reunião urgente e com todos os integrantes, é operação. Uma coisa que normalmente funciona na Polícia Federal é a compartimentação de informações. Poucos sabem de tudo, alguns sabem um pouco e muitos não sabem nada do que está para acontecer. No COT, isso é ainda mais rigoroso. Normalmente, as informações chegam em cima da hora para a maioria dos operadores.

Pouco antes do horário marcado, o auditório estava cheio. Todos aguardando para saber onde seria a próxima missão. Pontualmente, o chefe de operações entrou agitado. Sul do país: este seria o nosso “teatro de operações”<sup>43</sup>. Todos os integrantes em condições físicas deveriam embarcar no final da tarde, em voo comercial. Felizmente, todos os presentes estavam aptos. Três integrantes já estavam no local formando a equipe precursora, fazendo o contato com o pessoal da Inteligência, responsável pela investigação e

---

<sup>41</sup> Peça superior do uniforme militar.

<sup>42</sup> Bota militar, coturno.

<sup>43</sup> Termo militar, referente à área geográfica onde acontecerão operações bélicas.

os devidos levantamentos prévios. Isso faz parte do planejamento, outra coisa que é levada muito a sério no COT. O grupo possui excelentes especialistas em planejamento operacional.

O *briefing*<sup>44</sup> esclareceu qual a natureza da missão: prender uma quadrilha de assaltantes a banco ligada a uma famosa facção criminosa do país. Tratou, ainda, da divisão das equipes com seus respectivos comandantes, equipamento individual e coletivo necessário, comunicações, local onde as equipes se hospedariam, horário de partida, duração da viagem e outros assuntos pertinentes. O planejamento da ação propriamente dita seria realizado no local, de acordo com as informações obtidas pelos precursores. Como ficou definido que a duração da missão seria de quatro dias, preparamo-nos para o dobro. Normalmente é assim. Há missões que, em virtude de vários fatores fora do nosso controle, parecem não ter fim. Então, nesse caso, vale o ditado: “é melhor prevenir do que remediar”. E quando o trabalho tem relação com vidas humanas, nem sempre é possível remediar.

Antes do horário de almoço, as tarefas foram divididas entre os policiais. Com objetivo de trazer uma ideia da quantidade de equipamentos levados pelo grupo em uma missão dessa natureza, listaremos alguns. Equipamentos individuais básicos da equipe de assalto: uniforme rural e urbano completo, colete tático, balaclava<sup>45</sup>, cinto tático com coldre de perna, colete balístico com placas de cerâmica resistente a tiros de fuzil, capacete balístico, máscara de gás com filtro, bernal<sup>46</sup> com granadas diversas – luz e som, gás efeito moral, joelheira ou caneleira, fuzil de assalto Colt M16 calibre 5,56mm com 6 carregadores cheios, submetralhadora HK MP5 SD com supressor de ruídos e 3 carregadores cheios, pistola Glock modelo 17 calibre 9mm com 3 carregadores cheios, saco de dormir, lanterna tática, faca, rádio comunicador com acessórios, equipa-

---

<sup>44</sup> Reunião onde são definidas instruções e diretrizes para realização de determinado trabalho ou missão militar.

<sup>45</sup> Capuz de algum tipo de tecido que cobre a cabeça e o pescoço, deixando apenas os olhos expostos.

<sup>46</sup> Saco para transporte de materiais, utilizado normalmente a tiracolo.

mentos de rapel (cadeira, fitas, mosquetões, freio em oito), óculos tático. Equipamentos individuais básicos para grupo de atiradores de precisão: uniforme rural e urbano completo, colete tático, balaclava, cinto tático com coldre de perna, colete balístico com placas de cerâmica resistente a tiros de fuzil, capacete balístico, máscara de gás com filtro, bornal com granadas diversas – gás, efeito moral e luz e som, joelheira ou caneleira, fuzil de precisão semiautomático HK MSG90 calibre 7,62 mm com 4 carregadores cheios, fuzil de precisão de ferrolho Remington 700 calibre 7,62mm com 3 caixas de munição, fuzil de assalto Colt M16 calibre 5,56mm com 6 carregadores cheios, pistola Glock modelo 17 calibre 9mm com 3 carregadores cheios, saco de dormir, lanterna tática, faca, rádio comunicador com acessórios, roupa de guile<sup>47</sup>, isolante térmico, poncho, binóculos, telêmetro, tabelas balísticas e afins, apoio de coronha, equipamentos de rapel (cadeira, fitas loop, mosquetões, freio em oito). Equipamentos de uso comum: explosivos (cordel detonante, brinel<sup>48</sup>, acionador e materiais afins), canhão de disrupção<sup>49</sup> (canhão d'água) com munição, kits arrombamento (pé-de-cabra, marreta, alicate de corte, aríete), cordas, algemas de mão e de pé, visores noturnos, escadas diversas, fitas de isolamento de local, fitas adesivas, lanternas sobressalentes, kit de primeiros socorros, câmeras fotográficas e filmadoras.

As informações iniciais eram de que mais de vinte pessoas formariam a quadrilha de assaltantes de banco, alguns de altíssima periculosidade. A área era urbana, podendo haver desdobramentos para área rural num segundo momento. Maiores detalhes somente chegando à região.

Perto das treze horas todos foram liberados para almoçar e buscar algum material particular necessário. Antes das quinze

---

<sup>47</sup> Roupa utilizada por atiradores e caçadores, com capacidade de imitar o terreno e vegetação onde estão inseridos, funcionando como camuflagem e ocultação.

<sup>48</sup> Tubo de choque, capaz de propagar ondas de choque e efetivar a detonação de um explosivo.

<sup>49</sup> Armamento capaz de acelerar a água a altíssimas velocidades, utilizado para arrombamentos e desarmamento de bombas.

horas, estaríamos reunidos para preparar o equipamento e no final da tarde, destino ao aeroporto. A saída do COT foi marcada para as dezoito horas. Pontualidade: outra virtude muito cobrada. O voo estava marcado para as vinte horas. Nosso *check in* normalmente acontece mais cedo que os de outros passageiros. É que devido a quantidade de equipamento transportado temos problemas de excesso de bagagem, então precisamos negociar com a companhia aérea a liberação do excesso de peso. Um absurdo!. Só de equipamento cada um carrega mais de 30 kg. Fora o equipamento coletivo que é bem pesado. Essa é uma realidade infeliz dentro da Polícia Federal. As passagens aéreas fornecidas pela instituição são comuns, com pouco mais de 20 kg de peso franqueado para bagagem. Deveriam prever um bilhete especial ou fazer um acordo com as companhias aéreas para evitar esse constrangimento na hora do *check in*. Sem falar nas vezes em que passamos por complicações no momento de embarcar o armamento pesado. Ossos do ofício! A título de informação, o COT é o grupo responsável pela resolução dos casos de apoderamento ilícito de aeronaves civis dentro do país. Qualquer situação de crise dentro de aeronaves pousadas em território nacional, com ou sem reféns, será resolvido pelo grupo que mantém constante treinamento de retomada de aeronaves nos seus mais diversos modelos.

Devidamente embarcados, voo tranquilo e antes das vinte e três horas estávamos no destino. Viaturas aguardavam para nos levar para o hotel. A noite, porém, não havia encerrado. Tínhamos ainda, antes do descanso, uma reunião com a equipe precursora, que nos passaria informações detalhadas sobre a missão. Normalmente, um atirador de precisão faz parte dessa equipe, devido a sua capacidade de avaliação de terreno e de planejamento. Nesse evento, contudo, não tinha sido possível devido à indisponibilidade desse especialista, pois todos estavam em outra missão.

À meia noite, a reunião foi iniciada. Ficamos sabendo de quase todos os detalhes. A investigação estava em andamento há mais de três meses pela competente área de inteligência da Delegacia de Crimes contra o Patrimônio (DELEPAT) com apoio da não

menos competente área de inteligência da Delegacia de Repressão a Entorpecentes (DRE). O elogio tem que ficar registrado porque muito do que é visto pelo cidadão nas operações da PF é de responsabilidade dos setores de Inteligência da instituição, formado por profissionais abnegados que, por vezes, deixam o convívio familiar de lado para dedicar-se integralmente a casos que parecem sem solução. O grupo tático precisa confiar nas informações fornecidas pela equipe de investigação, porque normalmente não acompanha todos os desdobramentos do caso, chegando quase sempre para “simplesmente” prender os delinquentes. Utilizei aspas no simplesmente porque são grandes a responsabilidade e o risco na maioria destas prisões. Se fossem simples e sem risco, não chamariam o COT. Não seria diferente dessa vez. Mais de vinte assaltantes trabalhando para construir um túnel que levaria direto para o cofre de um banco. A quadrilha chegou a comprar um prédio com oito andares de onde o túnel partiu. Uma organização que contava com estrutura financeira e operacional, comandada por uma famosa facção criminosa. As informações iam surgindo, veículos utilizados, local do evento, mapas das regiões, fotos diversas (do local, dos envolvidos, de satélite), *modus operandis*<sup>50</sup>, fichas criminais, e assim por diante. Uma informação crucial, infelizmente, não estava disponível: os criminosos estariam armados e em caso positivo, qual seria o seu poderio bélico? Isso exige muito mais cuidado e gera uma lacuna no planejamento. Nesse caso, todos se preparam para a pior situação. Uma hora e meia após o início da reunião, as tarefas para os preparativos do dia seguinte estavam definidas e todos se dirigiram aos seus respectivos hotéis.

Seis e meia da manhã. Hora do banho para despertar e de um café da manhã reforçado. Nunca sabemos quando comemos novamente. Também é uma regra vigente em grupos de operações especiais: quando puder comer, coma. Um ditado muito ouvido nos referidos grupos é: pegue tudo que puder e coma tudo

---

<sup>50</sup> Termo utilizado no meio policial, que indica o padrão de ação ou modo de trabalho de uma quadrilha ou de um criminoso.

que pegar. Sete e meia: as equipes divididas já estavam na rua levantando novas informações, conhecendo o campo de batalha, estudando posicionamento, as opções táticas viáveis, os meios de acesso, o trânsito, a movimentação das pessoas no entorno. A equipe de atiradores de precisão era uma das mais interessadas no local, pois um bom posicionamento e uma identificação positiva dos alvos são cruciais. Fomos para um escritório de inteligência onde pudemos ter o visual do local através de diversas câmeras instaladas nas imediações. Lá obtivemos muitas informações valiosas. Resolvemos fazer uma incursão nas proximidades para verificar os locais ideais e as distâncias em relação ao teatro de operações. Tomamos um café a menos de 50 metros do ponto crítico, de onde observamos a movimentação dos suspeitos. Como tínhamos visto as fotos, identificamos pelos menos dois deles. Análise dos arredores realizada e uma constatação: devido à urbanização da região, tínhamos apenas um ponto de tiro para posicionar os atiradores. Era um edifício que se localizava em frente ao prédio alvo, mas numa distância muito reduzida, cerca de 20 metros. Para um atirador de precisão, muito longe é ruim, mas muito perto é pior ainda. Distâncias agradáveis ficam entre 50 e 200 metros. Devido ao treinamento, ao equipamento e à munição utilizada, disparos bem sucedidos podem ser feitos de distâncias superiores a 600 metros. Quando estamos muito perto da ação, contudo, ficamos expostos a outros atiradores, que mesmo utilizando armas curtas seriam capazes de nos atingir. Nossos aparelhos de mira ótica ficam superestimados. Outro fator é a camuflagem ou ocultação. Elas ficam prejudicadas pela proximidade ao evento. Não existia outra posição, então a melhor seria aquela, a 20 metros. Local definido, agora precisávamos conseguir uma sala dentro do edifício para nos posicionarmos durante a noite e aguardarmos a ação no amanhecer do dia seguinte. Após o almoço, tentamos em vários escritórios, mais todos se recusavam em colaborar conosco. É claro que não podíamos contar porque estávamos ali. Tínhamos uma história cobertura para garantir que a informação não vazaria, uma vez que não era possível precisar se alguém na região estava envolvido com a quadrilha. Nesses momentos, a população tem medo de se envolver com qualquer ação da polícia

e uma colaboração é muito difícil. Era tarde quando conseguimos uma sala para passar a noite e dar cobertura de fogo à equipe de assalto na hora da invasão.

Retornamos à sede da Polícia Federal para ajudar no planejamento que estava sendo realizado por outra equipe. Todos os mandados judiciais necessários haviam sido expedidos. Passamos as últimas informações indispensáveis e o planejamento estava praticamente concluído. Revisamos todo o plano, pois não participaríamos da reunião final antes da ação do dia seguinte. A reunião aconteceria às três horas da manhã, e estaríamos em frente ao edifício alvo fazendo serviço de vigilância e prontos para entrar em ação.

Pegamos todos os equipamentos necessários, ração e água, e nos deslocamos em duas viaturas descaracterizadas até o local. Eram aproximadamente oito horas da noite. Confrontamo-nos com um outro problema: como entraríamos com todo o equipamento no prédio em frente ao alvo sem chamar atenção? Foi um trabalho lento e paciente, levando o equipamento desmontado em diversas etapas, vestidos de pintores. Para ser policial não basta coragem e treinamento, é preciso muita criatividade. Muitas vezes, precisamos improvisar e utilizar meios alternativos para atingir nossos objetivos. Carro velho, alguns baldes, caixas, malas, foi mais ou menos assim:

– Boa noite. Viemos pintar a sala 919.

O porteiro respondeu:

– Já fui avisado. Preciso registrar no livro. Documentos?

– Pois não.

– Estão com a identidade?

– Aqui estão.

– Se forem ficar além das onze têm que avisar. E não é para circularem em outros andares.

– Sim senhor. Boa noite.

Antes das vinte e uma horas já estávamos prontos para o início das observações e com o equipamento todo preparado para

uma eventual ação. Precisávamos ainda enrolar o porteiro para que não desconfiasse. Éramos três policiais e nos dividimos em turnos de vigilância de duas horas. Dormir nem pensar, a adrenalina não permite. Você tem uma pressão enorme para não falhar. Uma falha pode custar a vida de um colega ou de um inocente. A vigilância foi tranquila. Pouca movimentação no local. O edifício que ocupávamos tinha doze andares. Estávamos no nono, um acima do último andar do edifício alvo. A maior parte da quadrilha descansava no andar mais alto. Por volta das vinte e três horas, um de nós desceu para desenrolar com o porteiro a nossa permanência. Tudo resolvido, de volta ao trabalho.

Três da manhã a reunião foi iniciada com o restante da equipe, em um local perto da sede da Polícia Federal na região. Tínhamos contato pelo rádio. A ação estava muito próxima de acontecer. Mesmo participando de inúmeras operações, sempre ficamos apreensivos. É natural essa tensão pré-ação. Sabendo administrar, até contribuí para o sucesso, uma vez que mantém o policial mais atento em tudo que acontece a seu redor. Cinco da manhã as últimas instruções nos foram passadas via rádio. A comunicação era criptografada<sup>51</sup>, garantindo o sigilo. Os policiais estavam posicionados próximos ao prédio. A estratégia adotada, como primeiro plano, era aguardar um dos criminosos sair para comprar pão, comportamento frequente, segundo informes da inteligência. O plano emergencial era arrombar a porta da frente utilizando explosivos e fazer uma entrada forçada. O grupo de assalto preparou as cargas de fechadura e, havendo necessidade de executar o plano emergencial, em segundos estariam dentro do edifício.

Como previsto, um integrante da quadrilha saiu para comprar pão próximo às seis horas da manhã, em uma padaria da região. Foi rendido por uma equipe que passou a chave para o grupo de intervenção. Tudo pronto para ação. Rápida, silenciosa, fulminante. Fator surpresa utilizado em favor da polícia. O chefe da operação deu o sinal verde e o “rolo compressor” foi liberado. Quando a má-

---

<sup>51</sup> Técnica utilizada para codificar uma informação ou comunicação, tornando difícil sua decodificação para quem não possui a chave específica para a decifração.



quina “Grupo Tático” é acionada, nada mais pode detê-la. É estimulante ver o trabalho sincronizado das equipes, funcionando com a precisão de um relógio suíço. A equipe de assalto era formada por vinte e dois policiais federais do COT, apoiada pela equipe de atiradores de precisão, com três membros. Em outra construção, aos fundos do edifício alvo, havia mais dez policiais federais da região com objetivo de conter uma possível fuga dos criminosos. Nos arredores do teatro de operações mais de cinquenta policiais federais garantiam o perímetro, os pontos sensíveis e apoio logístico para a ação.

Muitos especialistas perguntarão por que o grupo de assalto não entrou pela parte superior do prédio e foi “varrendo” até embaixo, forma mais indicada pelas doutrinas que tratam sobre entradas em edificações. Vários fatores contribuíram para isso. O acesso pelo telhado era muito difícil, em virtude da arquitetura da edificação. Não tínhamos helicóptero de grande porte disponível para colocar rapidamente vinte e dois policiais através de *fast rope*<sup>52</sup>. O acesso pelo prédio ao lado não era seguro. Existia um vão relativamente largo entre eles, não sendo uma boa opção a sua transposição.

Voltando à ação. Escutamos os primeiros estouros de granadas de luz e som e portas internas se rompendo. Logo na entrada, foram presos dois criminosos que trabalhavam no túnel. Enquanto o grupo subia e ia “limpando” os andares, nós, os atiradores, víamos o desespero tomar conta de mais de vinte homens alojados no último andar do edifício. Corriam desordenadamente de um lado para o outro, sem saber o que fazer. Observávamos se portavam armas de fogo para, em caso de necessidade, proteger a equipe de policiais. Quaisquer informações eram repassadas instantaneamente via rádio para todos os integrantes da invasão tática. Nesse momento é preciso muito controle emocional, porque o tiro final só pode ser dado se os criminosos estiverem pondo em risco a nossa

---

<sup>52</sup> Técnica utilizada para descer principalmente de helicópteros. Utiliza uma corda grossa por onde os policiais ou militares descem escorregando, utilizando luvas, sem nenhum equipamento de segurança adicional.

vida ou a de terceiros. Pouco antes do grupo de assalto chegar ao último andar da edificação, alguns criminosos tentaram escapar para o outro prédio e foram reprimidos pela equipe externa de apoio. Logo em seguida identificaram o grupo de atiradores no prédio em frente, com os fuzis e lunetas ameaçadoramente apontados para eles. É interessante ver a reação do criminoso através da lente do aparelho ótico de pontaria. Alguns, correndo. Outros, levantando a camiseta para mostrar que estavam desarmados. Bandido desarmado é bandido vivo! Reportávamos todas as reações e a localização dos criminosos para o grupo de intervenção:

– Assalto uno, sierra uno reportando.

– Prossiga sierra uno...

– Assalto uno, sete homens, aparentemente, desarmados na face oeste do último andar. Outros seis homens provavelmente desarmados na face norte do mesmo andar.

– Positivo sierra uno, estamos chegando no oitavo.

Para que todos entendam, assalto uno era o líder do grupo de assalto. Sierra uno o líder do grupo de atiradores de precisão.

Rapidamente os policiais chegaram ao último andar. Em meio aos gritos “no chão” os assaltantes foram se entregando um a um, até que o último “limpo” foi ouvido. Nenhum tiro disparado, vinte e seis criminosos presos. Nenhum policial ou inocente ferido. É o que podemos classificar de “um dia feliz” ou “missão cumprida”. As buscas por marginais escondidos duraram mais quinze minutos. Todos realmente estavam presos. A equipe de atiradores foi desmobilizada:

– Atento sierra uno, assalto uno chamando...

– Prossiga assalto uno...

– Edificação está controlada... Pode desmobilizar sua equipe...

– Copiado assalto uno, desmobilizando...

Juntamo-nos ao grupo dentro da edificação. O túnel era extenso. Não podíamos entrar sem suprimento de ar e equipamentos

de segurança. Uma obra engenhosa, temos que admitir. Outra equipe simultaneamente prendia parte da quadrilha a mais de 20 km do local principal. Outro sucesso. O dia era dos “mocinhos”.

Depois de tudo sob controle e com a certeza de não haver mais riscos, as equipes de apoio entraram, juntamente, com o pessoal da inteligência para avaliar o local.

Para controlar os curiosos e evitar que a imprensa “invasse” o local, a área foi isolada. É preciso garantir o local para a perícia fazer suas avaliações. Toda prova deve ser preservada porque, muitas vezes, graças a um detalhe, uma condenação acontece ou não.

Quase faltaram algemas para tantos presos. Foi necessário mobilizar um caminhão para transportá-los até a sede da Polícia Federal da região.

Após o término da ação tática, todos imaginam que o grupo volta para seu local de origem para merecido descanso. Negativo. A missão ainda não está nem na metade. O COT é responsável pela escolta dos presos até um local seguro, por sua guarda, manter a segurança durante os depoimentos, fazer a escolta até o exame de corpo delito no IML<sup>53</sup> da região, e por fim, entregá-los à penitenciária ou local apropriado para sua guarda. Com vinte e seis presos, imaginem o tamanho da operação gerada.

Perto do meio dia, conseguimos fazer a retirada dos indivíduos de dentro do prédio e organizamos uma forte escolta que cruzou parte da cidade até a Polícia Federal. Lá se havia montado um aparato para receber todo esse pessoal. Foram mobilizados diversos escrivães e delegados para as oitivas.

Ficamos sabendo que o chefe da quadrilha que acabávamos de prender foi o comandante de diversos ataques a policiais em uma grande cidade da região Sudeste. Isso exigia uma atenção ainda maior ao esquema de segurança montado.

---

<sup>53</sup> Abreviatura de Instituto Médico Legal.



*Parte da quadrilha presa na operação.*



*Entrada do túnel escavado.*

Em sistema de revezamento, todos conseguiram se alimentar, mesmo que precariamente, para continuar até a madrugada com as oitivas dos presos. Toda a área de custódia tinha rígida segurança. Depois de uma operação bem sucedida não era possível sofrer uma ação de resgate por parte de outros integrantes da quadrilha. A tarde passava lentamente. Em meio a oitivas, coletivas de imprensa, conversa com advogados, o dia foi virando noite. Perto da meia noite, os depoimentos estavam quase concluídos. Iniciou-se, então, o planejamento para a escolta dos presos até o IML da região, a fim de fazer o exame de corpo delito, antes da entrega à penitenciária. Tais cuidados são importantes porque, muitas vezes, os presos, após chegarem à custódia, se autolesionam para fundamentar uma possível alegação de tortura que seus advogados farão na tentativa de prejudicar o procedimento de investigação policial e ulterior processo penal. Com esse procedimento, entregamos os presos em perfeitas condições ou, se com algum problema, devidamente atestado. A partir da entrega, a responsabilidade passa a ser da Penitenciária.

Duas horas da manhã. A escolta é iniciada. Os presos são levados em micro-ônibus, sob grande aparato de segurança. Os exames demoram menos de duas horas. Praticamente paramos o IML.

Perto das cinco horas da manhã chegamos para a entrega dos presos na Penitenciária. Presos entregues e ofícios assinados, a missão estava praticamente concluída. Faltava apenas entregar os ofícios de recebimento dos presos para, possivelmente, retornar a Brasília.

Sete e meia da manhã tomando café no hotel. Chegaram informes de que a missão poderia ter desdobramentos. Outra parte da quadrilha estava sob vigilância na região Centro-Oeste. Preparavam-se para assaltar um banco na região. Com a prisão de seus comparsas, contudo, ninguém sabia o que aconteceria. Pediram para que nos mantivéssemos no hotel em sobreaviso para qualquer eventualidade. Eventualidade deriva do verbete eventual, que quer dizer acontecimento incerto, acidental, fortuito. Engraçado que no COT essa palavra tem outro significado: quase certo ou ain-

da muito provável que aconteça. Normalmente é assim. Estamos acostumados. Quase três noites sem dormir e prestes a continuar em um desdobramento da missão, utilizei-me de outra regra muito difundida em grupos de operações especiais: quando puder dormir, durma. Ou seja, subi para o quarto e apaguei. Pelo menos até o meio dia, quando o telefone tocou. Acordei assustado e atordoado, com aquela sensação de “onde estou”. Era o chefe da equipe de atiradores avisando que fomos desmobilizados e iríamos a uma churrascaria para fazer uma confraternização. Outra boa notícia é que no final da tarde retornaríamos a Brasília.

Chegamos à churrascaria, almoçamos, e quase na hora de partir um acontecimento inesperado. Um dos clientes percebeu que fazíamos parte do grupo que havia prendido a quadrilha de assaltantes de banco, então ele dirigiu-se a nossa mesa e pediu para todos que estavam ali dessem uma salva de palmas pelo trabalho realizado.

– Por favor, só um minuto da atenção de todos. Temos aqui presente a equipe da Polícia Federal que fez a prisão daquela quadrilha de assaltantes que escavavam um túnel para chegar até o cofre do banco. Queria pedir a todos uma salva de palmas para esse pessoal que arrisca a vida para manter nossas famílias em segurança.

No final da tarde, retornamos a Brasília. Descarregamos todo o equipamento, guardamos o armamento e recebemos folga na manhã seguinte. À tarde teríamos o *debriefing*<sup>54</sup> da operação. Tudo isso, logicamente, se não fôssemos convocados para outra missão.

Saldo da operação: vinte e seis assaltantes presos (só na etapa em que o COT atuou), nenhum inocente e nenhum policial morto ou ferido. Várias provas foram recolhidas, inclusive informações sobre outro grande assalto a banco acontecido no Nordeste, a partir das quais, foi recuperada enorme quantia do dinheiro roubado, além de armamentos e munições de diversos calibres.

---

<sup>54</sup> Reunião realizada no final da operação, com objetivos de avaliar os procedimentos e os fatos ocorridos durante os trabalhos.